



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

‘Queremos governo cristão’: os discursos sobre a ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’ na Folha de São Paulo¹

PARRA MONSALVE, James León (Comunicador Social, Mestre em História)²
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos / Universidade Federal do Pará / PA

Resumo: A ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’, feita em 19 de março de 1964, em São Paulo, foi a manifestação popular mais importante efetuada contra o governo de João Goulart (1961-1964), nos dias prévios ao golpe militar. Acontecimento objeto de ampla cobertura midiática pelas suas dimensões, converteu-se em tema recorrente de sucessivas edições da *Folha de São Paulo*. A trajetória desses discursos no jornal paulista, entre 1964 e 1999, mostra como são construídos pela imprensa brasileira efeitos de sentido sobre acontecimentos históricos. Neste caso, revela-se o jogo que diversos grupos sociais, religiosos, militares, políticos, empresariais e midiáticos ativaram no jornal depois do comício da Central do Brasil, organizado pelo governo Goulart em 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, com o objeto de anunciar reformas políticas, a começar pelos setores petrolero e agrário. Com o auxílio da Análise do Discurso (AD) e da sua perspectiva crítica, definem-se aqui algumas das implicações historiográficas e midiáticas desse acontecimento.

Palavras-chave: Marcha da Família com Deus pela Liberdade; Folha de São Paulo; Golpe Militar de 1964; História; Brasil

Introdução

A imprensa é fonte significativa de matérias e dados para a historiografia. Desde os diversos cantos ideológicos ela tem sido testemunha chave de boatos e fatos, de conspirações e consensos, de fracassos e sucessos, de tristezas e felicidades. Cada jornal, todo dia, recolhe amostras da dispersão desse desenvolvimento histórico. Ela atua na recordação ou no esquecimento de acontecimentos, sociedades e personagens no tempo. Por isso, pode-se dizer que “A história que a mídia faz, conta ou não conta”, tal como é frisado no tema elegido para este encontro, a 50 anos do golpe militar que abateu a democracia constitucional brasileira em 1964.

Nesse contexto, analisa-se aqui um *corpus* de textos produzidos pela *Folha de*

1 Trabalho apresentado no GT Historiografia da Mídia, integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – Alcar Sul 2014.

2 Doutorando do Programa em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará. É Comunicador Social (habilitação: jornalismo) e Mestre em História, com experiência e interesse nas seguintes temáticas: Jornalismo, Imprensa, História, Amazônia e Tecnologias de Informação e Comunicação. E-mail: jlpm@ufpa.br.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

São Paulo antes, durante e depois da nomeada 'Marcha da Família com Deus pela Liberdade', demonstração pública feita na capital paulista na tarde do dia 19 de março de 1964. Em total foram selecionados 93 textos publicados em diversas seções do jornal, entre os anos 1964 e 1999 (o recorte temporal da pesquisa), nos quais aparecera enunciada a denominação completa da marcha. E mesmo que o espaço da pesquisa esteja em princípio relacionado com essa cidade, cabe dizer que as implicações do evento têm a ver diretamente com o Brasil e sua história, embora desde a visão de um jornal influente no país.

Com esse intuito, os conceitos de formação discursiva, ideologia, discurso e dispersão são explorados na procura de fazer uma análise que dê conta da relação mídia – história a través da imprensa. Conjuntamente utilizar-se-á o quadrado ideológico desenvolvido por van Dijk (1998), com o objetivo de mostrar a relação das práticas discursivas com os grupos sociais envolvidos no acontecimento e as formas em que eles são enunciados nos diversos textos do *corpus* observado.

Tais ferramentas teóricas e metodológicas auxiliam no desvelamento de algumas implicações sobre o papel da imprensa no estabelecimento de distorções, a partir da seleção de fontes e fatos na produção da informação. Isto é ainda mais evidente no caso da 'Marcha da Família com Deus pela Liberdade', evento que traz à tona posicionamentos de grupo e a ingerência de setores eclesiásticos e militares nos assuntos civis.

A enunciação converteu-se assim numa lide entre os defensores da moral cristã, alguns setores empresariais e os militares, junto à denominada 'classe média', contra a cabeça do governo da época: João Goulart. Em reduzindo, a luta de quem estava com Cristo e quem estava com Jango. No entanto, efeitos de sentido, veiculados na imprensa e postos em jogo como prévia do Golpe Militar de 1964.

Elementos para uma análise do discurso na imprensa

Ao se estudar a imprensa como fonte historiográfica é útil considerá-la como um campo privilegiado de enunciação. Por tanto, campo em que tempo e espaço são/estão atrelados aos diversos conteúdos nela veiculados. Esta historicidade própria da prática enunciativa leva então à problematização da linguagem, como fora já apontado por



Foucault, quando sugeria o questionamento da vontade de verdade, a reconsideração do discurso como acontecimento e a elevação da soberania do significante ([1971], 1999, p. 51). Não é mais nas pregoadas unidades da frase, da proposição ou do ato de fala, aonde poderia se procurar o sentido, porque

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT [1969], 2008, p. 98).

O enunciado está assim no limiar da análise, caracterizado pela raridade, a exterioridade e o acúmulo, longe da totalidade, da interioridade ou da origem procuradas num evolucionismo linear. Não há então um único sentido ou verdade, e sim uma história específica, uma regularidade materializada na descontinuidade e a dispersão dos enunciados. Daí a índole particular do que Foucault chamou de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva - evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como "ciência", ou "ideologia", ou "teoria", ou "domínio de objetividade". (FOUCAULT [1969], 2008, p.43).

Neste caso, tomada a opinião pública como formação discursiva, que reúne uma dispersão de enunciados e práticas específicas de uma sociedade no tempo e no espaço, junto ao quadro da formação ideológica cristã, é que se poderá fazer aqui uma análise dos discursos ativados na *Folha de S. Paulo*, com ocasião da 'Marcha da Família com Deus pela Liberdade'. Contudo, uma temporalidade, uma época, não é nem unidade, nem horizonte, nem objeto de uma arqueologia e sim "(...) um emaranhado de continuidades e descontinuidades, de modificações internas às positivities, de formações discursivas que aparecem e desaparecem." (FOUCAULT [1969], 2008, p.198).

Por tanto, trazer aqui um período, relativo à ditadura imposta pelo Golpe Militar



de 1964, é procurar um emaranhado de dispersão de enunciados, de continuidades e descontinuidades discursivas, deixando que ele mesmo se desenrole em sua especificidade.

É preciso ainda explorar o que é o discurso como elemento chave dessa análise. O termo 'discurso', como é aqui usado, deriva-se dos estudos do discurso, especialmente da denominada Análise Crítica do Discurso (ACD). Nessa linha analítica ele “designa menos um campo de investigação delimitado do que certo modo de apreensão da linguagem”; modo não considerado “como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados.” (MAINGUENEAU, 1998, p. 43, sublinhado no original).

Dito em outras palavras,

O discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas um dispositivo constitutivo da construção de sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem. (MAINGUENEAU, 1997, p. 50).

A prática discursiva nem mesmo é comparável à transmissão de informação, já que existe ali um processo complexo de constituição de sujeitos e criação de sentidos. Também não convém fundamentá-la na ideia de comunicação, pois a linguagem serve também para não comunicar; lembre-se que a relação de sujeitos e sentidos produz efeitos múltiplos e variados, “Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores.” (ORLANDI, 2010, p. 21). Uma prática privilegiada na formação de sujeitos e objetos, por tanto, “não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Em relação com os aspectos históricos e relacionais do discurso é também adequado introduzir o noção de 'intertextualidade' ou propriedade que têm os textos de trazer fragmentos de outros textos, que são delimitados explicitamente ou misturados e que podem ser assimilados, contraditos, ironizados, etc., frisando sua historicidade; este conceito enfatiza a heterogeneidade, diversidade e contradição que estão embutidos na composição textual; ele “(...) aponta para a produtividade dos textos, para como os textos podem transformar textos anteriores e reestruturar as convenções existentes



(gêneros, discursos) para gerar novos textos.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135).

Salienta-se também a relação que o discurso guarda com as ideologias. Em princípio, a 'ideologia' pode ser vista como uma noção vaga e controversa, como falsa consciência ou crenças erradas que servem aos grupos dominantes, mas, no sentido aqui posto, ela pode representar um sistema de crenças ou, de maneira geral, um conceito mais flexível com o qual caracterizar não só àquelas dominantes senão também às de oposição, de resistência. Ao respeito, entendidas “Como sistemas de ideias de movimentos e grupos sociais as ideologias não só fazem sentido para compreender o mundo (desde o ponto de vista do grupo), mas também como uma base para as *práticas sociais* dos membros do grupo.” (DIJK, [s.d.], não paginado, friso no original).

Outra característica importante de se assinalar é que algumas ideologias chegam até se 'naturalizar', sendo então não mais visíveis como ideologias e enxergadas mais bem como 'senso comum'. Esta naturalização poderia ser explicada no processo de construção do sujeito e na noção de 'formações discursivas ideológicas' dominantes (FAIRCLOUGH, 1995, p. 42). E, se o discurso e a linguagem constituem práticas sociais especialmente expressivas das ideologias, esta noção é, sem dúvida, de utilidade metodológica na hora de analisar as dinâmicas grupais, a partir das quais são desenvolvidos os conteúdos publicados na imprensa. Ainda que antes de se fazer aqui uma análise, considera-se necessário descrever sucintamente o jornal objeto de estudo.

Folha de noite, manhã e tarde em São Paulo

Publicada primeiramente como *Folha da Noite*, o diário começou sua circulação o sábado 19 de fevereiro de 1921, data em que comunicava sua política editorial, o seu programa:

Toda e qualquer obstinação a proposito do que ha de mais incerto e inconstante – referimo-nos aos interesses públicos – sob o pretexto de ‘coherencia’ de idéas, de programma ou de tradições, sempre nos pareceu repugnar às verdadeiras intelligencias e ser incompativel com a mutabilidade perenne dos problemas sociaes e políticos, que é a propria essencia da sua natureza. (...) Em synthese: chamamos, nós outros, a isso ‘opportunismo’, vontade de acertar, levar em conta a fallibilidade humana. Outros, nisso querem ver irresolução, versatilidade, incoherencia. Seja como fôr; não abriremos mão de um direito que nos cabe. Sempre ao lado do povo, ou melhor, da nossa Patria opportunismo – eis o nosso programma.³

³ O NOSSO PROGRAMA. *Folha da Noite*, São Paulo, p. 1, 19 fev. 1921.



Oportunismo para agir conforme às circunstâncias, aproveitá-las em sua ‘mutabilidade’ e sua ‘falibilidade’; é essa a orientação inicial do nascente jornal, definindo desse modo uma prática não dogmática, sem obstinação sobre os interesses públicos. Junto com esses princípios o jornal mostra nessa edição sua índole utilitarista e comercial.⁴ Foi criado em contraposição ao *O Estado de São Paulo*, jornal de tendência conservadora e tradicionalista, publicado desde 1875.

A *Folha da Noite* foi se consolidando nos anos posteriores com a chegada da *Folha da Manhã* (1925) e da *Folha da Tarde* (1949). Os três fusionaram-se finalmente com o nome de *Folha de São Paulo* (1960), quando estabeleceram a divisa ‘Um jornal a serviço do Brasil’, com a preocupação de ‘defender eficazmente os interesses do Estado e do país’.⁵

Segundo a Associação Nacional de Jornais, a *Folha de São Paulo* foi o maior jornal do Brasil por circulação paga, em 2012, com uma média de 297 mil 650 exemplares publicados diariamente, mantendo-se nos primeiros lugares desse ranking durante a última década.⁶ A trajetória até aqui apresentada dá uma ideia da influencia nacional desse jornal, consolidada por mais de 90 anos de publicação. Por sua posição é então um diário que controla grande parte da agenda informativa e de opinião no Brasil.

Nesse contexto, a *Folha de S. Paulo* converte-se em sujeito de opinião pública privilegiado, com poder sobre o que contar ou não contar, sobre a palavra dita e não dita, em relação com os acontecimentos objeto da sua agenda. Com as continuidades, descontinuidades e transformações que isso representa dentro de sua prática pública. É, a voo de pássaro, a descrição da fonte de enunciação do *corpus* empírico selecionado. Resta agora o estudo e discussão do sistema de dispersão em que emergem esses discursos no jornal.

⁴ “As matérias que trataremos nesta folha, que circulará com grande tiragem em todo o Brasil, Portugal e colônias, serão sempre de muita utilidade para os comerciantes, estudantes etc. pois visarão colocar o commercio em guarda contra tantas interpretações errôneas e indicar-lhe em fim o caminho para certas operações de utilidade para o seu negocio.” TOME UMA ASSIGNATURA. *Folha da Noite*, São Paulo, p. 8, 19 fev. 1921. Inicialmente Olival Costa era o Diretor e Pedro Cunha o Gerente.

⁵ UM SÓ NOME para os nossos três jornais. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 1 jan. 1960.

⁶ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Maiores jornais do Brasil**. ANJ. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 10 fev. 2014.

‘Queremos um governo cristão’

A 19 de março de 1964, com o apoio especial do governo do Estado, da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), da Sociedade Rural Brasileira e da Igreja católica, congregaram-se centos de milhares de pessoas na então denominada ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’.⁷ Em total, foram 59 as entidades⁸ que promoveram diretamente a demonstração. E ela mesma foi uma contestação ao comício realizado em 13 de março desse ano na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, e na qual o Presidente Goulart anunciava uma série de reformas políticas a se concretar no seu governo.

O nome dado à manifestação demonstrava o peso da Igreja católica na sua organização. No entanto, discursos associados às ideias cristãs iam junto às arengas contra o governo federal em cabeça de Jango, como era conhecido o então Presidente. Segundo a *Folha de S. Paulo*, o movimento cívico levou meio milhão de pessoas à rua para defender a Constituição, ‘dentro do mesmo espírito que ditou a Revolução de 32’⁹ (Imagem 1).

Imagem 1. Primeira página da *Folha de S. Paulo*, março 20 de 1964



Fonte: Acervo *Folha de São Paulo*

⁷ A DERROTA INGLÓRIA de uma política de conciliações. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Folhetim, p. 5, 4 jan. 1984.

⁸ ENTIDADES DA MARCHA ‘estão alertas’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Edição da Tarde, p. 3, 20 mar. 1967.

⁹ SÃO PAULO PAROU ontem para defender o regime. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1, 20 mar. 1964.



Só um dia antes dessa edição, isto é, o dia da marcha, o mesmo jornal anunciava o desembarco do General Nelson de Melo em Congonhas com o objeto de acompanhar o evento, que era definido também como parte do ‘movimento nacional de unidade cristã’.¹⁰ Este caráter cívico-militar-cristão da manifestação daquele 19 de março vai se consolidar nas sucessivas edições do jornal, ativando efeitos de sentido próprios da formação ideológica cristã, junto a motivações militares, comerciais, industriais e políticas desse momento. A viagem feita anteriormente por Goulart à China, as reformas estatais por ele definidas e o fantasma do triunfo da revolução cubana, levantavam certamente preocupações por parte desses setores. Foi então quando os discursos cristãos exploraram-se ao máximo ante a previsão de uma perda de poder decorrente das reformas políticas que atingiam também ao capital nacional e internacional, especialmente com a encampação das refinarias particulares que iriam voltar para a petroleira estatal.

Desse modo, sucederam-se manchetes, relativos à marcha, como um acontecimento de transcendência histórica para o país. Antes do golpe foi chamada como ‘Marcha pela Liberdade’ e expuseram-se cartazes com divisas como “Queremos governo cristão” e “Cristo contra o comunismo”,¹¹ as quais salientavam claramente o caráter ideológico cristão dado ao movimento político-militar que procurava o derrubamento do governo. Já nos dias posteriores ao golpe, as manchetes apelidavam-na como ‘Marcha da vitória’ que festejava a redemocratização do país.¹²

No começo, o jornal aproveitou-se dos efeitos de sentido que uma manchete na primeira página trazia ao se referir a São Paulo como cidade importante para o grande capital brasileiro, mas também colocando o santo protótipo do cristão, de aquele cidadão romano que depois de perseguir cristãos iria se converter para pregar o evangelho cristão. Posto assim, era uma nova epístola dirigida pelo santo aos

¹⁰ HOJE A MARCHA em defesa da constituição. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2ª edição, p. 7, 19 mar. 1964.

¹¹ SANTOS BISA O sucesso da “Marcha pela Liberdade”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 21, 26 mar. 1964.

¹² AMPARO COMEMORA 135 anos com “Marcha da Vitória”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 08 abr. 1964.

brasileiros, desta vez a través da *Folha de S. Paulo*. Se o santo parou para defender o regime, os cristãos brasileiros deveriam fazê-lo de igual modo. Deveriam implorar por um governo cristão contra um comunista.

Mas, com posterioridade ao golpe, veio o sentido mais político daquela manchete de primeira, falando nela como a 'Marcha da Vitória', dando conta das "Marchas" pela vitória da revolução no interior".¹³ Isto é, um dos sentidos acabou-se impondo com o estabelecimento do governo militar, nomeado de revolucionário e redemocratizador. Desta maneira, enxerga-se o viés ideológico do jornal ao suprimir elementos positivos dos partidários do governo Goulart, em quanto frisa esses elementos nos setores envolvidos no golpe militar, salienta aspectos negativos daqueles e tira ênfase desses aspectos nos golpistas. Uma linha que o jornal sustentou sistematicamente durante toda a ditadura (mais detalhadamente no Quadro 1).

Quadro 1. Quadrado ideológico da *Folha de S. Paulo* sobre a 'Marcha'

GRUPO	PRÁTICA	
	Frisar (+)	Suprimir/tirar ênfase (-)
Nós	<ul style="list-style-type: none"> -A Marcha em defesa da constituição -O sucesso da "Marcha pela Liberdade" -Queremos governo cristão -Cristo contra o comunismo -Largo foi pequeno -"Marcha" foi "da vitória" -Marcha festeja redemocratização do país - E, a 31 de março uniu-se ao movimento revolucionario -Hoje, o País espera que o sistema revolucionario prossiga em sua obra restauradora e de verdadeira democratização -Todo o país comemorou a revolução -Foi de São Paulo que partiu o primeiro brado de alerta, o primeiro protesto objetivo -(...) de maior repercussão e espontaneidade histórica da pátria contemporânea -Ela foi um ato de Fé, numa hora de Trevas -(...) defendendo o país da invasão pela Rússia, para salvar a honra de nossas mulheres -(...) articulação política e militar nesta vitória -(...) na luta por segurança, tranquilidade, ordem e progresso 	<ul style="list-style-type: none"> -'Somos contra os que estão contra a lei e por ela faremos julgá-los, sejam quais forem suas vestes' -Esta solução é uma das conquistas da Revolução' -(...) opor um dique ao caos prestes a instalar-se -(...) originou a Revolução de 31 de Março -Contra um quadro caótico, veio a revolução -(...) uma democracia genuinamente brasileira -(...) abatendo a ditadura sindicalista que se formava -Dulce acha o povo despreparado para eleger Presidente -Não cometeremos o pecado da omissão -Missa por trabalho e salário pode levar 100 mil à praça da Sé -A fome no Nordeste revolta "marchadeiras" -Porque o sistema falhou -Eu também estou envergonhado de minha participação -Dos chefes aos quais ele se havia entregue ele reclama sua liberdade
Eles	-Comício do dia 13 foi o estopim da	-Reformas, sim; comunismo, não

¹³ "MARCHAS" PELA VITÓRIA da revolução no interior. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 8, 30 abr. 1964.



<p>Revolução</p> <ul style="list-style-type: none"> -Reformas sim, Jango não -Atribui o atentado a descontentes com a comemoração do segundo aniversário da 'Marcha da Família com Deus pela Liberdade' -(...) anarquia e irresponsabilidade vigentes -(...) o movimento para o caos -(...) maus brasileiros desvairados e aventureiros -(...) visando destruir as nossas instituições nacionais -(...) dissolver a sociedade em que vivemos -(...) idéias da força brutal e materialista -Corrupção e subversão -(...) a ameaça do comunismo 	<ul style="list-style-type: none"> -Cordeiro de Farias negou a existência da chamada 'Marcha do Silêncio', pois 'não se conhecem sequer os nomes dos seus organizadores' -(...) alaridos das cassandras comunistas, aves agoureiras da traição, travestidas de águias da democracia -As ambiguidades do Passeio Democrático
---	--

Fonte: elaboração própria a partir de textos da *Folha de S. Paulo*

Como mostrado no quadrado ideológico (Quadro 1), a *Folha de São Paulo* alinhou-se no grupo dos golpistas com suas práticas discursivas. O repertório de enunciados publicados pelo jornal vai caracterizar os seus inimigos como um caótico grupo comunista de 'maus brasileiros desvariados e aventureiros', de 'aves agoureiras da traição, travestidas de águias da democracia', 'visando destruir as nossas instituições nacionais'. Culpa-o também por estar fora da lei e como causa mesma da reação ('revolução') que eles empreenderam como 'obra restauradora e de verdadeira democratização'.

Isenção, objetividade, dispersão e viés ideológico

Dentro do jornalismo isenção e objetividade são valorados como princípios norteadores da prática informativa. No primeiro caso, procurando se afastar da tomada de partido nos acontecimentos objeto de cobertura. No segundo, atingindo um nível de despersonalização da escrita que responda, por sua vez, as perguntas básicas do texto informativo: quem, quê, onde, quando e como.

Contudo, numa perspectiva do jornalismo como prática discursiva, e, especificamente, no caso aqui pesquisado, esses princípios são deixados de lado em favor de vieses ideológicos que invertem a visão do jornalismo como um exercício transparente e veraz. Não é por acaso que a *Folha de S. Paulo* tenha publicado textos contra a democracia durante toda a ditadura militar. De fato, ela foi um dos apoios mais importantes para o regime militar ao servir de porta-voz dos seus partidários e lembrar

em prol duma maior democracia. Nesse sentido, em 26 de janeiro de 1984 o jornal anunciava em primeira página e com grande destaque, *ad portas* dos 20 anos do golpe militar, a multitudinária manifestação de pessoas nas ruas da cidade aclamando pela volta das eleições diretas de Presidente (Imagem 3).

Imagem 3. Primeira página da *Folha de S. Paulo*, janeiro 26 de 1984



Fonte: Acervo *Folha de São Paulo*

Considerações finais

A imprensa, fonte estimável à historiografia, vista desde uma ótica discursiva, revela as contradições e as discontinuidades próprias de uma prática não isenta de vieses ideológicos e de interesses de grupo. Nesse contexto, a análise feita aos textos selecionados sobre a ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’, mostrou o papel da *Folha de S. Paulo* como veículo de opinião pública favorável ao golpe de estado e à ditadura militar no Brasil, entre 1964 e 1983. Para isso o jornal explorou efeitos de sentido e intertextos relativos à ideologia cristã e o seu papel perante a destruição da sociedade e das instituições brasileiras pelo comunismo, encarnado no governo constitucional de João Goulart (1961-1964).

Só em setembro de 1983 é que emerge uma inversão discursiva no tratamento dessa temática para se concentrar em discursos em prol da democracia e das eleições



presidenciais diretas. Assinala-se também a fragilidade da isenção e da objetividade como princípios da prática jornalística ao desvelar vieses ideológicos além da mera transmissão de informação, como colocado pelos estudos mais tradicionais da comunicação.

Nessa ordem de ideias, optou-se pela Análise Crítica do Discurso como recurso teórico e metodológico para o estudo de um *corpus* de 93 textos, extraídos da *Folha de S. Paulo* dentre os anos 1964 e 1999. Conceitos como enunciação, ideologia, formação discursiva, discurso e dispersão foram fundamentais para descobrir a função desse jornal no golpe e posterior ditadura militar desses anos. Finalmente, considera-se esse arcabouço teórico-metodológico de interesse especial para as pesquisas historiográficas, ao se manter a suspeita sobre a isenção e a veracidade nos discursos jornalísticos da imprensa.

Referências

A DERROTA INGLÓRIA de uma política de conciliações. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Folhetim, p. 5, 4 jan. 1984.

AMPARO COMEMORA 135 anos com "Marcha da Vitória". **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 08 abr. 1964.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Maiores jornais do Brasil**. ANJ. Disponível em: <http://www.anj.org.br/a-industria-jornalistica/jornais-no-brasil/maiores-jornais-do-brasil>. Acesso em: 10 fev. 2014.

DIJK, T. A. van. **Ideology: a multidisciplinary approach**. New York: Sage, 1998.

_____. **Ideology and discourse: a multidisciplinary introduction**. Barcelona: Universidade Pompeu Fabra, [S.d.].

ENTIDADES DA MARCHA 'estão alertas'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Edição da Tarde, p. 3, 20 mar. 1967.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: papers in the critical study of language**. New York: Longman, 1995.

_____. **Discurso e mudança social**. Trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.



50 anos do Golpe Militar de 64

*"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"*

FOUCAULT [1969], Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. [1971]. **A ordem do discurso** : aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indurky. 3. ed. Campinas: Pontes, Ed. Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. **Termos-chave da análise do Discurso**. Trad. Márcio Venício Barbosa; Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

'MARCHAS' PELA VITÓRIA da revolução no interior. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 8, 30 abr. 1964.

O NOSSO PROGRAMA. **Folha da Noite**, São Paulo, p. 1, 19 fev. 1921.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso** : princípios e procedimentos. 9. ed. Campinas: Pontes Editores, 2010.

SÃO PAULO PAROU ontem para defender o regime. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1, 20 mar. 1964.

SANTOS BISA O sucesso da "Marcha pela Liberdade". **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 21, 26 mar. 1964.

TOME UMA ASSIGNATURA. **Folha da Noite**, São Paulo, p. 8, 19 fev. 1921.

UM SÓ NOME para os nossos três jornais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3, 1 jan. 1960.